

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO REMOTO: Metodologias ativas e *soft skills* na formação de jovens pela Escola Avanti.

Francisco George Costa Torres ¹
Rubens de Carvalho Araujo Filho ²
Sandra Maria Vasconcelos ³

1. INTRODUÇÃO

Com o avanço da tecnologia e a popularização da internet nas últimas décadas, o Ensino a Distância consolidou-se como uma alternativa acessível para milhares de estudantes (Neuenfeldt *et al.*, 2021). No entanto, o engajamento dos alunos permanece como um dos principais desafios enfrentados pelas instituições de ensino. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre como o uso de metodologias ativas e o desenvolvimento de *soft skills* podem contribuir para a execução de trilhas de aprendizagem no modelo remoto, especialmente entre jovens.

Para a análise da questão proposta, utilizamos como referência o curso de Desenvolvimento Fullstack, integrante do Programa Capacita Brasil e desenvolvido pela Escola Avanti. O programa tem como objetivo preparar profissionais em início de carreira, estimulando sua entrada no mercado de trabalho por meio do desenvolvimento e fortalecimento de competências nas áreas de tecnologia e dados. O curso é destinado, de forma exclusiva, a jovens estudantes do Ensino Médio, do Ensino Superior ou egressos do Ensino Médio com até três anos de conclusão, residentes no estado do Ceará. Sua estrutura contempla a duração de 12 meses, totalizando 480 horas, distribuídas em três fases complementares: *soft skills*, trilha técnica e imersão em empresas parceiras.

O curso foi estruturado integralmente em formato remoto, contemplando momentos síncronos, realizados por meio da plataforma Google Meet, e momentos assíncronos, constituídos pelo acesso a videoaulas, quizzes e materiais complementares especialmente desenvolvidos para o programa e disponibilizados em um Ambiente Virtual de Aprendizagem. Adotamos, também, um servidor na plataforma Discord como

¹ Doutorando em Comunicação na Universidade Federal do Ceará (UFC), Supervisor Educacional na Escola Atlântico/Avanti, georgetorresprof@gmail.com;

² Graduado em Administração pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Assistente Educacional da Escola Atlântico/Avanti, rubensdecarvalhoaraujo@gmail.com;

³ Graduada em Administração de empresas pela Universidade Paulista (UNIP)/Fortaleza, Assistente Educacional da Escola Atlântico/Avanti, sandramariavasconcelos72@gmail.com.



canal de comunicação, favorecendo a troca entre estudantes, professores e equipe de apoio. Essa configuração buscou articular a flexibilidade do estudo individual com a interação em tempo real, de modo a fortalecer tanto a autonomia discente quanto o acompanhamento pedagógico contínuo.

2. METODOLOGIA

De modo a fundamentar a presente reflexão, adotamos como foco a experiência da etapa técnica do primeiro ciclo do curso de Desenvolvimento Fullstack, realizada entre outubro de 2024 e março de 2025. A análise é pautada por uma abordagem qualitativa (Minayo, 1994), pontualmente inspirada na técnica de estudo de caso proposta por Yin (2001, p. 32), que “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre fenômeno e contexto não estão claramente definidos”.

Para tanto, buscamos examinar esse momento do curso em formato de relato, construído a partir do ponto de vista dos autores deste artigo, um supervisor educacional e dois assistentes educacionais, envolvidos no processo de desenho e estruturação do programa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. O papel das metodologias ativas no engajamento discente

As metodologias ativas oferecem estratégias pedagógicas que promovem o protagonismo estudantil e ampliam as possibilidades de engajamento, especialmente no contexto dos cursos remotos. Diferentemente da sala de aula presencial, em que a interação ocorre de forma mais natural pela proximidade física entre os participantes, o EaD exige estratégias específicas para estimular a participação e o sentimento de pertencimento do estudante. Nesse sentido, as metodologias ativas “têm o potencial de despertar a curiosidade, à medida que os alunos se inserem na teorização e trazem elementos novos, ainda não considerados nas aulas ou na própria perspectiva do professor.” (Berbel, 2011, p. 28)

Nesse contexto, uma das práticas mais utilizadas no Capacita Brasil foi a sala de aula invertida, fundamentada nas reflexões de Bergmann e Sams (2012). No curso, os momentos educacionais foram organizados em três dimensões: aulas síncronas, aulas assíncronas e facilitação. Para cada módulo, os estudantes tiveram acesso antecipado a videoaulas, quizzes e materiais complementares, produzidos especialmente para o curso.



Esses conteúdos, consumidos previamente de forma autônoma, serviam de base para as atividades e discussões das aulas síncronas.

No entanto, percebemos que apenas disponibilizar materiais, em um contexto de ensino remoto, poderia não ser suficiente para manter os alunos engajados. Por isso, foi pensado este terceiro momento: a facilitação, que promovia o acompanhamento personalizado de um facilitador, apoiando cada estudante na continuidade dos seus estudos. A figura do facilitador emerge como elo entre o estudante e o conteúdo, realizando não apenas o acompanhamento do material estudado, mas também o esclarecimento de dúvidas.

Além disso, embora os encontros síncronos fossem avaliados como ricos educacionalmente, ainda deixavam dúvidas. Com isto mapeado, e em associação à metodologia da sala de aula invertida, os facilitadores passaram a promover encontros adicionais com os alunos, inclusive antes das aulas síncronas, para reforçar o engajamento e apoiar a continuidade dos estudos. Com essas ações, buscamos democratizar o espaço de sala de aula, “contribuindo de forma ativa para a descoberta e para o desenvolvimento de uma atitude de autonomia intelectual”. (Borges, Alencar, 2014, p. 128).

Outra estratégia bastante utilizada na dinâmica educacional do curso foi o Problem-Based Learning (PBL). Nessa abordagem, os alunos eram organizados em equipes e desafiados a resolver problemas contextualizados, próximos à realidade da área de tecnologia. Esse formato, além de estimular autonomia, análise crítica e busca ativa por soluções, trouxe um aspecto essencial: o trabalho coletivo (Barrows, 1986).

Por fim, utilizamos também o Project-Based Learning (PjBL) como metodologia eficaz de engajamento. Cada módulo do curso era finalizado com a entrega de um projeto em equipe, no qual os estudantes aplicavam os conhecimentos técnicos em situações práticas. Esse modelo não apenas consolidou os conteúdos, mas também fortaleceu o desenvolvimento de *soft skills*, como trabalho em equipe, liderança, comunicação e gestão de prazos. Segundo Larmer e Mergendoller (2010), um projeto desenvolvido em contextos educacionais deve ser percebido pelos estudantes como pessoalmente significativo: uma tarefa relevante, que desperte interesse e que eles desejem realizar com qualidade, além de cumprir os objetivos pedagógicos. Nesse sentido, o acompanhamento dos facilitadores potencializava os projetos, transformando-os em experiências de aprendizagem colaborativa capazes de gerar alto engajamento.



Os resultados foram nítidos: alunos que inicialmente apresentavam pouca motivação ou dificuldade de participação passaram a se envolver mais quando atuavam em dinâmicas de grupo. Ao unir o protagonismo estudantil ao trabalho em equipe, foi possível atender tanto às necessidades de jovens em início de carreira quanto às de pessoas em processo de transição profissional. Para esse público, não basta apenas absorver conteúdos técnicos: é fundamental também desenvolver competências como comunicação, colaboração e capacidade de adaptação a novos desafios, diferenciais que impactam tanto a vida pessoal quanto a trajetória profissional.

3.2. Soft Skills como diferencial no ensino remoto de tecnologia

No contexto das formações em tecnologia, o estímulo ao desenvolvimento de *soft skills* (Joshi, 2017) configura-se como um elemento indispensável para a formação integral dos estudantes. Competências como comunicação, colaboração e resolução de problemas assumem especial relevância em ambientes remotos, onde a interação é mediada por tecnologias digitais. Essas habilidades não apenas complementam o conhecimento técnico, mas também ampliam a capacidade dos jovens de se adaptarem a diferentes situações e de atuarem de forma mais estratégica em cenários profissionais cada vez mais complexos e dinâmicos.

Alex (2010) conceitua as *soft skills* como competências interpessoais e comportamentais, de natureza não técnica, que refletem a forma como um indivíduo interage, comunica e se adapta ao ambiente em que está inserido. Essas competências abrangem traços de personalidade e atitudes que impactam diretamente a maneira como uma pessoa é percebida pelos demais, bem como sua capacidade de influenciar positivamente o grupo em que atua. Diferentemente das *hard skills*, associadas a conhecimentos técnicos e formais, as *soft skills* incluem habilidades como empatia, liderança, escuta ativa, negociação, resiliência e colaboração. O desenvolvimento dessas competências é fundamental não apenas para o crescimento individual, mas também para a construção de ambientes coletivos mais saudáveis e produtivos.

Como já mencionado, o Capacita Brasil é estruturado em três fases complementares: a primeira, voltada ao desenvolvimento de *soft skills*; a segunda, direcionada à trilha técnica; e a terceira, dedicada à imersão em empresas parceiras. Nesse primeiro momento, o foco recai sobre as habilidades socioemocionais, fundamentais para preparar os alunos de maneira mais completa e direcionada para o mercado de trabalho. Ao estimular competências como comunicação, colaboração,



empatia e resiliência, o programa busca não apenas favorecer a inserção profissional, mas também promover uma formação mais humana, capaz de ampliar a autonomia e a adaptabilidade dos participantes diante de diferentes contextos e desafios.

De acordo com Macedo et al. (2023, p. 78), no ensino de tecnologia o foco, tradicionalmente, recai sobre o desenvolvimento de *hard skills*, competências técnicas indispensáveis à formação profissional. No entanto, é igualmente essencial investir no aprimoramento das *soft skills*, tanto de professores quanto de estudantes, pois elas favorecem uma comunicação mais clara e uma transmissão de mensagens mais eficaz. Em um cenário em que a educação *online* e o uso de metodologias ativas ganham cada vez mais espaço, torna-se fundamental compreender de que modo essas práticas podem estimular a interação, a colaboração e o engajamento dos participantes.

Nesse momento dedicado às *soft skills*, os alunos participam do curso de Inglês para TI, que trabalha tanto os processos comunicacionais quanto a base da língua estrangeira, uma habilidade essencial para o mercado de tecnologia. Além disso, há o curso de Empreendedorismo, no qual os estudantes desenvolvem competências de trabalho em equipe e ampliam sua consciência empreendedora. Já no curso de Projeto de Vida, eles são estimulados a refletir sobre os caminhos que desejam seguir em sua carreira, com foco em habilidades comunicacionais voltadas para entrevistas de emprego, visão de futuro, comunicação não violenta, elaboração de currículo e assertividade.

Na terceira fase do programa, voltada à imersão em empresas parceiras, os alunos têm a oportunidade de desenvolver projetos em colaboração com organizações do setor e aplicar, em contextos reais, os conhecimentos adquiridos, desde o trabalho em equipe até a assertividade, consolidando assim uma experiência prática e transformadora. Nesse sentido, programas como o Capacita Brasil evidenciam que a inserção de estudantes em projetos reais, desenvolvidos em parceria com empresas, amplia não apenas o domínio das *hard skills*, mas também potencializa habilidades como liderança, negociação, resolução de conflitos e trabalho em equipe. Essa integração entre competências técnicas e interpessoais aproxima a formação acadêmica das demandas concretas do mercado, tornando o processo de aprendizagem mais relevante e significativo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Em síntese, a experiência do Capacita Brasil demonstra que a combinação de metodologias ativas e o desenvolvimento de *soft skills* representa um caminho eficaz para a formação integral de jovens em tecnologia no contexto remoto. Ao articular competências técnicas e interpessoais, o programa não apenas fortalece o engajamento e a autonomia dos estudantes, mas também os prepara de maneira mais estratégica para enfrentar os desafios do mercado de trabalho contemporâneo. Assim, iniciativas desse tipo mostram-se essenciais para construir trajetórias profissionais sólidas e promover aprendizagens significativas, que vão além da simples aquisição de conhecimentos técnicos.

Palavras-chave: Educação a Distância, Metodologias Ativas, Soft Skills.

REFERÊNCIAS

- LEX, K. **Soft skills:** know yourself & know the world. 3. ed. New Delhi: S. Chand & Co., 2016.
- BARROWS, H. S. A taxonomy of problem-based learning methods. **Medical Education**, v. 20, n. 6, p. 481-486, Nov. 1986.
- BERBEL, N. A. N. **Metodologias ativas de ensino:** construção do conhecimento e desenvolvimento profissional. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. **Flip your classroom:** reach every student in every class every day. Eugene, OR: International Society for Technology in Education; Alexandria, 2012.
- BORGES, Tiago Silva; ALENCAR, Gidélia. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. **Cairu em Revista**, v. 3, n. 4, p. 119-143, jul./ago. 2014.
- JOSHI, Manmohan. **Soft skills**. 1. ed. [S.l.]: Bookboon, 2017.
- LARMER, John; MERGENDOLLER, John R. **Project based learning handbook:** a guide to standards-focused project based learning for middle and high school teachers. Buck Institute for Education, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- NEUENFELDT, D. J.; MICHEL, R. C.; SCHUCK, R. J.; NEUENFELDT, A. E. Diferenças entre ensino presencial e virtual: percepções de estudantes da graduação. **EaD em Foco**, v. 11, n. 2, 2021.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

